

Artigo original

Representações do suicídio na imprensa generalista portuguesa



Rita Araújo^{a,*}, Zara Pinto-Coelho^b e Felisbela Lopes^b

^a Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Portugal

^b Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade do Minho, Portugal

INFORMAÇÃO SOBRE O ARTIGO

Historial do artigo:

Recebido a 7 de setembro de 2014

Aceite a 5 de maio de 2016

On-line a 16 de junho de 2016

Palavras-chave:

Suicídio

Media

Comunicação

Jornalismo

Saúde

R E S U M O

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que ocorram cerca de um milhão de suicídios anualmente. A cobertura do suicídio em si mesma não promove comportamentos suicidas, mas sim o modo como é conduzida pelos media. Estes podem constituir-se como agentes ativos na prevenção do suicídio, pelo que importa conhecer a abordagem utilizada. As autoras irão proceder a uma análise das representações que os media fazem do suicídio, a partir dos textos publicados em 2013 em 6 jornais nacionais. Tendo como referência teórica o *framing* das notícias, recorreremos às técnicas da análise crítica do discurso para olhar mais pormenorizadamente para estas notícias.

© 2016 O Autor(s). Publicado por Elsevier España, S.L.U. em nome de Escola Nacional de Saúde Pública. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY-NC-ND (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

Media reporting and coverage of suicide in Portuguese media

A B S T R A C T

According to the World Health Organization (WHO) there are one million suicides every year worldwide. Although suicide media coverage does not promote suicidal behaviors, the way the phenomenon is portrayed by the media may have that impact. Media could have an active role in suicide prevention, and so it is important to understand their approach to this issue. We will analyze media's representations of suicide, through the news published in six Portuguese newspapers in 2013. Our theoretical framework is within the news framing, and we will apply critical discourse analysis tools in order to analyze suicide texts thoroughly.

© 2016 The Author(s). Published by Elsevier España, S.L.U. on behalf of Escola Nacional de Saúde Pública. This is an open access article under the CC BY-NC-ND license (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

Keywords:

Suicide

Media

Communication

Journalism

Health

* Autor para correspondência.

Correio eletrónico: rita.manso.araujo@gmail.com (R. Araújo).

<http://dx.doi.org/10.1016/j.rpsp.2016.05.001>

0870-9025/© 2016 O Autor(s). Publicado por Elsevier España, S.L.U. em nome de Escola Nacional de Saúde Pública. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY-NC-ND (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

Introdução

O ato de suicidar-se tem suscitado, ao longo dos tempos, um leque amplo de questões – conceptuais, morais, psicológicas, sociológicas, antropológicas, culturais – e de atitudes – glorificação, condenação, vilificação, angústia, simpatia, compaixão – não tendo nunca deixado de ser fonte de controvérsia. No entanto, na história dos países ocidentais, a configuração desse debate e a sua visibilidade e intensidade públicas não foram sempre idênticas. Em 2004, a Organização Mundial de Saúde (OMS), com base em estatísticas que indicavam um aumento das taxas de suicídio, identificou o suicídio como uma questão importante de saúde pública ao nível global. Atualmente, a importância do assunto é reconhecida politicamente em vários países, incluindo em Portugal, onde foi identificado como um problema de saúde pública prevenível nesse mesmo quadro de pensamento e de ação.

À semelhança do que acontece relativamente a outras questões assim enquadradas, os *media*, enquanto instituição, e os seus profissionais têm sido considerados como atores críticos na prevenção do suicídio, ora vistos como aliados cruciais dos programas de prevenção, ora como obstáculos ou mesmo inimigos, com críticas e denúncias em torno de um eventual poder de contágio de certos tipos de cobertura – informativa e ficcional – e de representações mediáticas sobre indivíduos especialmente vulneráveis e em circunstâncias particulares¹⁻³. Importa, por isso, estudar as representações que os *media* fazem do suicídio.

É isso que nos propomos fazer neste artigo, a partir dos textos sobre suicídio publicados em 2013 nos jornais generalistas portugueses Expresso e Sol (semanários), Público, Jornal de Notícias (JN), Diário de Notícias (DN) e Correio da Manhã (diários). Apesar de, em número, não serem muitos os artigos noticiosos dedicados à problemática do suicídio (n=30), importa conhecer os modos de abordagem que os jornalistas utilizam quando retratam este problema. Vamos, assim, olhar para os motivos de noticiabilidade por detrás das histórias sobre suicídio, tentando perceber qual o ângulo que mais motiva a construção destas notícias. Tendo como quadro teórico o *framing* das notícias, fazemos uma análise detalhada dos textos, de um ponto de vista discursivo e crítico^{4,5}.

Este estudo de caso sobre a cobertura do suicídio insere-se numa investigação mais ampla, feita a partir de um projeto de doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/86634/2012) e que tem como objetivo perceber a mediatização da saúde na imprensa portuguesa.

Enquadramento teórico

O suicídio: retrato de um fenómeno

Uma vez que, neste artigo, olhamos para as representações do suicídio na imprensa generalista portuguesa, impõe-se explicar como tem sido abordado este fenómeno e qual a realidade que o envolve em Portugal. Os estudos que traçam a história do conhecimento científico ocidental sobre o suicídio e sobre o sujeito suicida⁶ permitem-nos compreender a

complexidade envolvida na descrição e na explicação desta ação humana, bem como na questão relativa à forma de melhor agir face à mesma. As visões sobre a natureza do suicídio, ao defini-lo de uma determinada forma, permitem-nos julgar a adequação da aplicação do termo a condutas particulares. Mas isso não é tarefa fácil. O ato de matar-se está envolto num manto de emoções negativas e de tabus que fazem com que essas definições integrem frequentemente julgamentos morais, não se tratando, por isso, de descrições neutras desta ação^{7,8}. Também é claro que a conceptualização do suicídio no mundo ocidental tem sido influenciada por crenças espirituais, culturais, científicas e médicas, e que estas 2 últimas são modeladas por forças sociais, tendo variado no tempo e no espaço⁹.

O século XIX e o início do século XX são apontados por vários autores^{6,7,10} como marcos relevantes na história do pensamento sobre o suicídio devido a vários fatores, a saber, a emergência da psiquiatria como disciplina autónoma, o estabelecimento do suicídio como um sintoma de doença ou desordem mental, e o trabalho de sociólogos onde se mostrou que o suicídio está ligado a forças coletivas e reflete males associados às mudanças sociais (e.g. anomia, alienação¹¹), ou a motivos e circunstâncias individuais dependentes da estrutura social, crenças e costumes¹².

Um e outro desenvolvimento estão na base da visão atual do suicídio como um ato humano involuntário e não deliberado, causado por forças sociais impessoais e/ou forças psicológicas¹⁰, visões que, de alguma forma, contribuíram para atenuar as sanções sociais e morais sobre o suicídio e a pessoa suicida¹³.

Para Battin¹⁴, o modelo médico, segundo o qual o suicídio é causado por processos patológicos internos ao indivíduo – e que por isso requer intervenção e tratamento especializado e profissional – continua a delimitar e a dominar nos dias de hoje o discurso público sobre a questão, fazendo com que as demais perspectivas, como por exemplo as filosóficas¹⁵, passem para segundo plano, ou sejam efetivamente desconsideradas¹⁶. No entanto, nas últimas 2 décadas, os progressos na tecnologia médica e a emergência de grupos de defesa dos interesses dos doentes parecem ter reaberto as discussões filosóficas em torno de 2 categorias particulares de morte – o suicídio assistido e a eutanásia⁷. A cobertura mediática continuada dada a vários casos de pessoas que reclamam o «direito de morrer», em virtude de um sofrimento físico irreversível e frequentemente terminal, tem levado a que o debate público ultrapasse o domínio privilegiado da medicina e ao que parece ser uma simpatia crescente com a causa. Todavia, a tendência para atitudes moralmente mais permissivas face aos casos de «suicídio racional» (em doença física, estados terminais ou dor crónica) não inclui os casos de pessoas com doença mental¹⁰.

Marsh⁶ argumenta que o suicídio e as ações suicidas são agora quase sempre explicadas por referência a desordens mentais individuais ou processos, uma condição que ele descreve como uma «patologia ontológica compulsiva». Neste quadro, o risco e a patologia são compreendidos com estando localizados no indivíduo. Embora atualmente o suicídio seja um objeto de estudo multidisciplinar, na verdade, a grande parte da investigação produzida nas 2 últimas décadas sobre o suicídio é de natureza empírica e estuda o «papel de causas prováveis e fatores de risco do comportamento

Download English Version:

<https://daneshyari.com/en/article/1091761>

Download Persian Version:

<https://daneshyari.com/article/1091761>

[Daneshyari.com](https://daneshyari.com)